



MEMORIAL DE UM PROFESSOR DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Memorial of a teacher of youth and adult education

Drey Mário Lago da Costa Júnior¹
Maria Olindina Andrade de Oliveira²

Resumo

O presente artigo trata-se de memorial para conclusão do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, assim essa trajetória me fez perceber que o professor deve se reinventar a cada passo, como se cada turma fosse a primeira. Cabe destacar que o sujeito da EJA é o protagonista no seu processo de aprendizagem. E, portanto, todos os seus saberes individuais e coletivos devem ser valorizados e devem ser o ponto de partida na construção do conhecimento. Ao considerar toda essa experiência na Oficina de Formação em Serviço, fez-me refletir sobre a minha práxis em sala de aula, tendo em vista atividades valorativas e conhecimentos significativos para o estudante da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Além disso, essa prática pedagógica deve levar em conta as habilidades e competências dos estudantes, criando, no mesmo, o interesse em aprender. Enfim, atuar na EJA exige do professor mais do que uma formação acadêmica, mas a capacidade que demanda um conhecimento distinto e um olhar diferenciado para esse público tão diversificado.

Palavras-chave: Memorial; Protagonista; Práxis; Educação de Jovens e Adultos.

Abstract

This article is a memorial for the completion of the Specialization Course in Project Management and Teacher Training, so this trajectory made me realize that teachers must reinvent themselves at every step, as if each class were the first. It is worth highlighting that the EJA subject is the protagonist in their learning process. And, therefore, all your individual and collective knowledge must be valued and must be the starting point in the construction of knowledge. When considering this entire experience at OFS, it made me reflect on my practice in the classroom, with a view to valuable activities and significant knowledge for the EJA

¹ Especialista em Docência do Ensino Superior na ADCAM. Especialista em Ciências da Religião – FAEETAM. Especialista em Educação de Jovens e Adultos pelo IFAM e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. E-mail: dreymario@gmail.com

² Mestre em História Social/UFAM. Especialista em Antropologia na Amazônia/UFAM e Licenciada em História/UFAM. E-mail: mariaolindinaoliveira67@gmail.com



student. Furthermore, this pedagogical practice must take into account the skills and competencies of students, creating an interest in learning. Ultimately, working at EJA requires more than academic training from the teacher, but the ability that demands distinct knowledge and a different perspective for this diverse audience.

Keywords: Memorial; Protagonist; Praxis; Youth and Adult Education.

Introdução

Caminhos da docência: como me tornei professor

Sou o professor Drey Mário Lago da Costa Júnior, parintinense, amazonense, servidor público desde 2005 na Secretaria Municipal de Educação – SEMED/Manaus-AM, graduado pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, no curso de Filosofia, e algumas especializações que elencarei no decorrer do texto. Faço com louvor esse rememorar de minha carreira até este momento. Sou oriundo de comunidade ribeirinha do município de Parintins-Am, criado dentro de um rol de sete irmãos, sendo o segundo, tornando-me responsável por ajudar minha mãe no zelo dos irmãos e limpeza da casa, e sendo sempre orientado a não perder o foco nos estudos porque a frase central de meus pais era: “estude para ser alguém na vida e fugir dessa realidade de onde viemos”.

Mais tarde saí para vender produtos nas ruas de Parintins para ajudar na renda familiar – uma experiência sofrida de curumim raquítico –, com um tablado na cabeça cheio de banana ou banana frita, picolé, din-din, fatias de bolo na festa da padroeira Nossa Senhora do Carmo, jornal impresso à Crítica – onde me tornei voraz leitor de matérias jornalísticas diárias – e, vendedor em feira de peixes – trato e tico um peixe bem; ressalvo essas atividades externas ao lar, mas largava tudo para correr para a escola e não perder aulas, meus pais não permitiam que eu ficasse um dia sem estudar, sou grato a eles eternamente.

Aprendi a ser esperto para o comércio logo cedo, com a consciência que era pouco, cansativa e passageira a vida de vendas, acreditando nas sábias palavras de



meus genitores de que o estudo seria a saída e transporte para uma vida melhor e suporte para minha família. Terminei o ensino médio (curso Técnico em Contabilidade) com 15 anos, sendo pai com essa idade.

Aumentei a carga de trabalho para manter meu filho lindo e dar o melhor para ele, perdendo o foco nos estudos. Tentei dois anos seguidos passar na UA (Universidade do Amazonas, atual UFAM) em Direito e Medicina e não obtive êxito, devido à falta de preparação adequada para dois cursos de grande concorrência. Na terceira tentativa consegui passar no vestibular no curso de Filosofia, algo raro à época na cidade de Parintins. Nesse ano de 1997 foram eu e mais sete aprovados concorrendo com todo o Amazonas para os diversos cursos superiores. Emoção ímpar em ser aprovado em uma instituição superior de ensino para fugir da realidade carente de cidade pequena amazonense.

Vim estudar em Manaus e conseguir um emprego para me manter e ajudar meu filho, conseguindo com as graças de Deus e de um tio. Trabalhava o dia todo perto do aeroporto na zona Norte e ia à noite para a faculdade na zona Sul de Manaus. Pense num trajeto cansativo no horário de pico para ir ao Terminal de ônibus da Constantino Nery e pegar outro para o Japiim. Pior que ainda não sabia se eu queria ser professor até metade do curso, tanto que tentei um outro curso superior dentro da UFAM, através do processo interno Extramaco para o curso de Contabilidade, mas não deu certo. Terminei o curso superior, sempre ansioso por concurso público ou espalhar currículos no mercado. Mas no fundo achava que eu não levava jeito para ser docente. Algo travava minhas ações. Quando veio o concurso da SEMED em 2004, vi naquele momento, uma chance única. Logrei sucesso e assumi a sala de aula.

Ao pisar em 2005 no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEMEJA Professor Samuel Isaac Benchimol gelei e estava desorientado pela inexperiência. Fui bem recebido por uma pedagoga que demonstrava um domínio e calmaria ímpar, professora Rita Pereira, que teve toda a paciência de ensinar como



se preenchia a série de documentos exigidos para a sala de aula (diários, folha de planejamento). No outro dia assumi a sala de aula, pense numa tremedeira ...rs. Para completar o frio no estômago: as aulas já estavam em andamento no CEMEJA e tinham que substituir uma professora do Processo Seletivo. Após ser apresentado a senhora professora (algo extremamente constrangedor e triste, ela ficara sem aquela renda financeira), tive que entrar na sala para dar a notícia de que a substituiria nas turmas, visto que era concursado, tendo prioridade na vaga. Alunos acharam ruim porque ela era realmente muito querida e competente!

Meu primeiro dia com os alunos como professor foi um desastre, nervoso, gaguejei, sem domínio do assunto e o olhar analítico dos discentes, até porque eles tiveram aula com uma professora maravilhosa e experiente, no dia anterior. Quase vou lá com a pedagoga dizer que não daria conta de ser professor. Vi que só dependia de mim, preparando-me melhor, perdendo o nervosismo e encarando esse desafio. Para reforçar essas reflexões, Oliveira (1990) destaca o indivíduo que trabalha na educação de adultos, coloca em primeiro lugar a humildade para estabelecer o mesmo plano de aprendizagem, com uma relação de compartilhamento, com o aprendiz. E com esse pensamento, venci com o passar do tempo, sendo o professor homenageado em quase todas as formaturas. Hoje essa minha estrada é gostosa de reviver e contar. Grato a Deus, aos meus pais e, a todos os que estiveram ao meu lado!

A Sala de aula como território docente: desafios, alegrias, experiências, conquistas, oportunidades de ensinar e aprender

Estar professor em sala de aula da EJA é algo desafiador e (re)-formulador do aprendizado. Falo isso porque vim da graduação cheio de teorias de diversos autores e praticidade do estágio acadêmico obrigatório da grade curricular, sem passar pelas metodologias e práticas para o público da educação de jovens e adultos. Ao assumir



a sala de aula no Centro Municipal de Educação de Jovens e Adultos – CEMEJA Professor Samuel Isaac Benchimol, na zona leste de Manaus, em março do ano de 2005, pude experimentar algo desafiador para um jovem professor recém-empossado que era a transmissão de conhecimentos a uma classe tão diversificada de alunos. Tudo o que trouxe dos livros sobre educação não continha para a EJA, e nem o treinamento com a pedagoga da escola para documentos, diários, fichas e demais atos da escola.

Reporto-me à primeira turma de alunos da EJA que era grandiosa, com uma competente professora. Levei um texto da matéria de ensino religioso para explorar a leitura individual, coletiva e, para explicar e coletar o entendimento de alguns. Já na leitura vi a dificuldade de uns, outros lendo com clareza e outros se negando a ler por timidez de não saber ler e medo da zombaria. Não tivera ainda contato com eles e acreditava ser uma leitura tranquila dos alunos da oitava série, sendo impactante o resultado. Nesse momento, coloquei-me no papel de professor-reflexivo, destacado por Alarcão (2004, p. 41), que “baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão, ... [caracterizando] o ser humano como criativo e não como mero reproduutor de ideias e práticas que lhe são exteriores”. A partir daí, refiz minha programação e metodologia de ensino para eles, aprendendo como lidar com esse público tão ímpar.

Revi e refiz os assuntos, os exercícios, fugindo da grade curricular proposta à série deles. Entretanto, o que pesava contra mim era a pouca experiência em sala de aula. Eu pensava, o que fazer, como fazer? Qual seria caminho a seguir? Por onde me guiaria para achar a fórmula exata de ensino aos alunos da Educação de Jovens e Adultos? A começar dessa reflexão, redirecionei meus métodos de ensino para facilitar o ensino e aprendizagem dos estudantes. Nessa ordem de preocupação, ajunto as análises de Oliveira (1990), citando a experiência do estudante adulto que



tem o mesmo peso de conhecimento do professor. Nesse sentido, Ferreiro (2001) infere que,

[...] o papel do educador é mediar a aprendizagem, priorizando, nesse processo, a bagagem de conhecimentos trazida por seus alunos, ajudando-os a transpor esse conhecimento para o "conhecimento letrado". A escrita não é um produto escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade (Alarcão, 2004, p. 41).

Confesso que não foi fácil! Pois, tive, aos poucos, de modular a minha técnica de ensino. Só o tempo e a praticidade puderam me responder, sanar meus medos, fortalecer minha postura em sala de aula, fazer atividades para eles, com a utilização de aulas não só teóricas, mas práticas, como cartazes, jogos, desenhos, relatos orais e trabalhos em grupo. Além disso, Gadotti (2003, p. 120) apresenta que o professor “deve levar em conta a diversidade destes grupos sociais: perfil socioeconômico, étnico, de gênero, de localização espacial e de participação socioeconômica”.

Portanto, os alunos da Educação de Jovens e Adultos são de diferentes idades, origens, profissões e localidades na cidade de Manaus-AM. Vieram de vários locais e com diversas histórias de vidas que os tiraram da sala de aula e, diversos motivos que os fizeram retornar. Decerto, Freire (1983, p. 11) assevera que os estudantes da EJA “são portadores de uma bagagem cultural rica e diversa, construída em diferentes âmbitos de suas vidas, sendo, portanto, o ponto de partida para novas aprendizagens”.

Percebi que eles são focados nos estudos, mesmo com inúmeras barreiras para fraquejarem nos estudos, como: o baixo letramento; a saída tarde do trabalho que impede de chegar no horário de entrada da escola; a situação financeira para comprar passagens de ida e volta para a escola; os problemas sociais e familiares como não ter ninguém para cuidar dos filhos enquanto estiverem na escola; a baixa motivação, de morar em áreas de imensa insegurança, provocando o medo de chegar tarde; entre outros.



Encontrei, ainda, estudante, como é o caso do profissional trabalhador que desembarca as cargas de caminhão em uma grande rede de supermercados. E, muitas vezes, confessa muito cansaço em sala de aula, devido a atividade diária pesada. Mesmo assim é difícil vê-los faltar às aulas, vindo muitas vezes direto do trabalho com vestimenta da empresa. Percebo que eles tentam ir até o limite e alguns ficam pelo caminho, mas com a promessa de um dia voltarem aos estudos e recomeçar ... e recomeçar ... quantas vezes forem necessárias. Essa realidade é apresentada por Arroyo (2017, p. 55) quando assinala que “a procura da volta à escola por um diploma de conclusão da educação fundamental ou média está intimamente associada a superar esse sobreviver provisório, essa identidade provisória de trabalhadores”.

Tenho a alegria saber que os nossos alunos têm a sala de aula como motivação, resgate e sede de conhecimento, vindo com expectativa de saber como será o ano letivo. Sentem-se confiantes em explicar que só faltam por extrema necessidade – trabalho, doença, condições financeiras, família – e nunca por desleixo. Minha alegria era imensurável quando tínhamos duas formaturas semestrais, devido a grande quantidade de alunos no auditório com seus familiares e amigos. Era algo revigorante de vê-los receberem eufóricos um canudinho simbólico pelo término do ensino fundamental. Alguns levavam anéis de formatura e orgulho para o momento. Tive a oportunidade de ser escolhido pelos alunos da escola toda mais de dez vezes o professor representante para a formatura.

Na minha primeira formatura como escolhido, levei um discurso de três laudas pesquisado na internet e montado a partir de vários textos. Já nas demais formaturas já conseguia discursar sem papel e de improviso. A prática docente implica nos laços afetivos entre professores e estudantes, como afirma Freire (2002, p. 161) de que “a prática educativa é tudo isso, afetividade, alegria, capacidade científica e domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”.



Nas ruas cansei de encontrar alunos meus formandos ou ainda estudando, abraçavam e diziam coisas legais da escola, mostrando sempre saudades do que viveram conosco. Uma vez na feira de peixes do bairro Mutirão, uma aluna na sua banca de peixe deu-me a grata notícia de que tinha sido aprovada no IFAM para cursar química e que ao se formar seria professora de EJA. Ela falava com tanta convicção que lutaria por mais esse sonho; que não pretendia continuar com o trabalho de ambulante nas ruas; que seus filhos teriam vida diferente da dela. Dei o maior apoio, citando meu exemplo de vida difícil, desde a minha infância, como vendedor ambulante nas ruas e vendedor de peixes. Mostrei meus dedos todos cortados pelas galhas de peixes e facas na hora de tratar. Aquilo para mim foi o êxtase, ato sublime de que vale a pena lutar por nossos alunos e oferecer o melhor de nós, enquanto docentes e seres humanos.

Trajetórias na formação continuada: o ponto de partida³ e os processos de transformação

Lembro-me da oferta do Curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação (Semed), apresentada na sala dos professores do Cemeja, em que de imediato houve meu interesse por mais um desafio acadêmico. Recordo-me da explanação de como seria o curso e a sua grade curricular. Algo que considerei muito foi estudar junto meus pares docentes na nossa escola e ter experiência junto aos discentes nas salas de aulas do Cemeja. Este curso foi a retomada para os livros e estudos superiores, visto longo tempo sem estudar. Cheguei com todo gás, e com o ímpeto de um calouro, querendo desbravar vários autores e teóricos. Porém, trabalho três turnos, com dificuldades para conciliar essa formação.

³ Potencialidades, possibilidades, fragilidades e necessidades.



O curso era para ter iniciado no ano de 2020, mas não pôde devido à Covid-19. E, da mesma forma, antes de iniciar o curso, é necessário realizar um diagnóstico da escola que foi também dificultado pela pandemia e o *lockdown*, decretado pela Secretaria. Por isso, a pesquisa ocorreu apenas no primeiro semestre de 2021, junto ao gestor, à pedagoga e aos professores do turno noturno. Oportunidade em que se pôde esmiuçar vários questionários investigativos elaborados pela equipe docente. Vale destacar que somente o turno noturno quis participar da especialização, com exceção de alguns poucos docentes do turno diurno, não sendo nesse momento possível a realização da pesquisa com outros funcionários e discentes.

Trabalhar na pandemia foi um desafio novo e renovador, uma vez que o mundo todo teve que se adequar a essa nova realidade em que o contato era proibido pelo alto grau de perigo que a doença Covid-19 representava. O maior desafio foi preparar aulas motivadoras e fáceis por meio de textos pequenos, com ilustrações, que eram postados na plataforma digital do CEMEJA para que os estudantes pudessem se interessar e não tivessem dificuldades na aprendizagem. Lembro que pude agir dessa forma após a experiência com os alunos no laboratório de informática, em que eles demonstraram, naquele momento, a inaptidão para o uso das tecnologias do computador e das plataformas digitais.

A turma do noturno obtive êxito, em 2021, nesse tipo de metodologia, por estar mais preparada para o ensino remoto, em relação aos demais devido a prática de estudo no Portal do Cemeja. O ensino híbrido em EJA é sempre desafiador, mas ainda no período da pandemia, o desafio foi maior. Até porque poucos possuíam recursos para acessar a internet e as plataformas virtuais de estudos em seus aparelhos celulares. Mesmo assim, vi a vontade da maioria em cumprir as demandas escolares solicitadas pelos docentes.

O retorno dos acadêmicos ocorreu de forma lenta e minuciosa, sendo vários os motivos que vão desde o econômico (dinheiro para passagem ou comer), o



motivacional (anos ausentes da escola), o profissional (trabalho compete com horários de aula), e os de natureza sanitária (os de maior idade com receio e esperando vacina). Meus sentimentos eram, na época, de satisfação e apreensão ao retorno às aulas, mesmo vacinados, tomando todos os cuidados e temendo pelo público ausente de nossas salas. Este perdia os conteúdos com prejuízos imensuráveis em suas vidas acadêmicas. Rogava aos céus e Papai do Céu que tudo voltasse à normalidade o mais breve possível, desejando que a sociedade cumprisse com as suas obrigações sanitárias. Nessa primeira etapa, foi realizada o Núcleo Epistemológico, trabalhando a parte teórica do curso, com discussão dos conceitos de educação, sociedade, cultura, complexidade, transdisciplinaridade, decolonialidade, identidade docente, relacionando-os com a pesquisa realizada na escola, cujos resultados eram apresentados nos encontros.

Em relação à estrutura do curso elogio por entender que ela foi desenvolvida por uma equipe docente experiente e com a preocupação latente do diálogo permanente com os discentes e o público-alvo, o que veio a engrandecer nosso aprendizado e a nossa comunicação com os estudantes da EJA.

Projeto OFS/Pós-graduação em serviço: as OFS e a construção e desenvolvimento do projeto formativo

A equipe de formadores da OFS iniciou no primeiro semestre de 2021 uma pesquisa para identificar as necessidades pedagógicas dos docentes e dos discentes, na busca de entendimento do cotidiano escolar do CEMEJA, com seus desafios e potencialidades. Portanto, foi necessário realizar entrevistas informais com o gestor e a pedagoga, além da aplicação de questionários aos professores cursistas. A pesquisa com os estudantes foi realizada através de um questionário visando o conhecimento do perfil social e econômico, abrangendo questões referentes à família, às condições de moradia e suas problemáticas, à renda familiar, à cultura e ao lazer, às práticas de



leitura e de escrita e, à relação do aluno/escola, tempo fora da sala, aulas presenciais e ambiente virtual.

Com relação aos resultados desse estudo realizado no CEMEJA, Oliveira e Gonçalves (2023) apresentam alguns pontos importantes sobre os estudantes, como:

a maioria é composta por mulheres (50,5%), amazonenses, seguidos por paraenses; sendo que 71% se auto identifica como pardos. A maioria desses estudantes é composta por adultos e idosos (26 a 65 anos), contabilizando 66,3% dos que frequentam a escola. Portanto, não é de se espantar que 53,6% são casados ou vivem em união estável e que um número significativo (cerca de 77,8%) tenha filhos (Oliveira; Gonçalves, 2023, p. 291).

Quanto ao local de residência, é interessante citar que grande parte dos estudantes reside na zona Leste, em segundo lugar na zona Norte de Manaus, como é apresentado nos estudos de Oliveira e Gonçalves (2023). Além disso,

[...] essa realidade torna-se mais difícil se considerarmos que apenas 14,6% possuem carteira assinada, e mais de 80% atuam na informalidade: por exemplo, no trabalho doméstico (diarista), com vendas e serviços (pintor, encanador, ajudante de pedreiro, eletricista etc.), sendo que 25% vivem com menos de um salário-mínimo, e a maioria apenas com um salário (cerca de 37,5%) (Oliveira; Gonçalves, 2023, p. 291).

Dante desse cenário, é possível inferir que nossos alunos são sujeitos sociais e culturalmente marginalizados que não tiveram oportunidade de estudar ou que interromperam sua formação por diversos fatores, como: o trabalho muito cedo; a gravidez não planejada na adolescência; a falta de suporte da família; as dificuldades de aprendizagem; dentre outros. Eles possuem grandes dificuldades em conciliar o trabalho, a família e os estudos, sendo este último nunca prioritário na sua lista de necessidades.

No que se refere ao letramento, a pesquisa apresentou que os estudantes têm “o hábito de ler a bíblia (68,3%), seguido por jornais (41,5%), livros diversos (19,5%) e revistas (11%). Portanto, destacou-se o fato de serem também leitores atuantes nas



redes sociais (58,5%), em portal de notícias online (50%) e livros digitais (12,2%)” (Oliveira e Gonçalves (2023, p. 291). Esse resultado explicita a realidade do cotidiano do CEMEJA, pois os alunos mesmo tendo dificuldades em ter acesso à internet, computadores e celular, eles têm habilidades para manusear os aplicativos simples, em acessar o portal e realizar as atividades virtuais, resultando num bom aproveitamento no laboratório de informática disponível na escola. Quanto a diversidade dos estudantes da EJA, Oliveira e Gonçalves (2023, p. 292) destacam que,

[...] à dificuldade em lidar com um público tão diverso como o do Cemeja, não só em relação à questão da diferença de idade, como também em relação ao problema da vivência escolar, pois muitos estudantes estão há muito tempo afastados da escola, pois 96,3% disseram que, em algum momento de suas vidas, já tiveram de desistir, sendo que a maioria afirmou que está entre 1 e 5 anos sem estudar (37,5%), seguido por aqueles que estão entre 6 e 10 anos (20,3%) e os que estão entre 11 e 15 anos fora da escola (10,9%) (Oliveira; Gonçalves, 2023, p. 292).

A partir dessa pesquisa foi possível definir o Projeto Formativo, realizado em 2022, com foco o Letramento (aqui incluso também o letramento digital), referente às dificuldades dos discentes na leitura, escrita e interpretação de texto. Nesse contexto, dividiu-se o projeto em três oficinas: 1) Oficina de Formação de Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação; 2) Oficina de Formação de Metodologias de EJA, segundo segmento e; 3) Oficina de Formação Interdisciplinar de Alfabetização e Letramento, com dois encontros para cada.

A formulação e execução dessas oficinas tiveram como objetivo principal abordar a realidade do aluno da EJA dentro da zona periférica, zona Leste de Manaus-AM, a partir do contexto existencial dos estudantes, docentes, do cotidiano e da cultura escolar. A Oficina de Formação de Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação foi ministrada pelo professor cursista, Zevaldo Luiz Rodrigues de Sousa (Especialista em Mídias Sociais). Nessa oficina os alunos tiveram a oportunidade de vislumbrar



algumas plataformas e aplicativos, como o *Kahoot*, *Plickers*, *Padlet* e *Canva*. Além disso, foi apresentado um jogo de tabuleiro que pode ser utilizado por qualquer professor, construído pelo Professor Zevaldo com a Professora de Ciências do Cemeja. A esse respeito, Oliveira e Gonçalves (2023, p. 293) destacam que essa oficina se voltava,

[...] para a aprendizagem de competências digitais dos docentes, com a apresentação de ferramentas digitais, *online* e *offline*, explorando seu uso, funcionalidades, potencialidades e possibilidades; visando, com isso, a sua exploração em sala de aula de forma a promover a Cultura Digital no ambiente escolar da Educação de Jovens e Adultos (Oliveira; Gonçalves, 2023, p. 293).

Na Oficina de Formação de Metodologias para EJA/2º segundo seguimento, foi discutido o conceito de alfabetização, de letramento, vivenciado as práticas metodológicas aplicadas com os estudantes. Período em que os professores cursistas foram estimulados a narrar suas experiências de vidas pessoais e profissionais, congelando em suas mentes algo tangente, para fora da sala de aula reproduzir, materializando em papel ofício, socializando ao grupo em seguida.

Dentre as metodologias que mais me chamou a atenção foi a proposta de se trabalhar na EJA com histórias de vida. Nesta, foi possível entender a dificuldade que alguns de nós tem de acessar as memórias afetivas, deparando em algum momento, com lembranças dolorosas e/ou adormecidas e esquecidas. Na primeira parte, os professores atenderam a solicitação de narrar de forma oral as suas memórias para depois passar a narrativa para a forma escrita – de uma música ou poema. Observei que as histórias, apesar de serem individuais, coincidiam em pontos a serem trabalhados em salas de aula. Para Oliveira e Gonçalves (2023, p. 294) “ao contar a sua história, o indivíduo também constrói mental e oralmente um texto que tem início, meio e fim, essencial para a elaboração posterior da narrativa escrita”.



Ao mesmo tempo, o grupo trabalhou com histórias de vidas dos estudantes, resultante da pesquisa realizada com eles. Nesse momento, vivenciou-se uma série de atividades voltadas para a aprendizagem de Letramento, dentro da disciplina de Língua Portuguesa. Em vez de entregar um texto pronto, fora da realidade dos estudantes, foi apresentado um texto produzido dentro do seu contexto existencial, e resultante das narrativas da pesquisa. Foi importante perceber o que os alunos podem sentir ao contar suas histórias, mas, para além disso, o que podem ensinar e aprender com suas experiências de vida.

A EJA tem a particularidade de os alunos, por serem adultos, aprenderem com as trocas de experiências e saberes. E, por último, na Oficina de Formação Interdisciplinar de Alfabetização e Letramento, teve-se a oportunidade de vivenciar, por meio de fotos, o entorno do Cemeja, com suas ruas movimentadas, lojas, shoppings, feira de vendas de peixes e verduras, vendedores ambulantes, transporte público. Esta realidade é bastante conhecida pelos professores cursistas, por viverem nesta zona geográfica de Manaus ou exercerem suas atividades profissionais diárias.

Em seguida, propôs-se a realização de uma série de atividades aos nossos alunos, a partir dessa realidade, com base nos conteúdos dessas disciplinas.

É importante citar que todas as oficinas partiram das necessidades dos docentes do Cemeja em relação ao público da EJA. As metodologias apresentadas nas oficinas proporcionaram um leque de possibilidades para desenvolver em sala de aula, partindo não apenas das dificuldades dos discentes, mas de seus saberes individuais e coletivos. E como profissionais da educação, não se pode achar que os profissionais da educação são os únicos detentores do conhecimento. Até porque aqueles que ensinam, aprendemos, também, com a diversidade e a pluralidade cultural da EJA.

As OFS e a construção e o desenvolvimento do projeto de aprendizagem



Em 2023, foi realizado o Projeto de Aprendizagem construído em conjunto com os estudantes⁴. Ele teve início a partir da escolha do tema “Meio Ambiente” por parte dos professores. Feito isto, ficou decidido que cada docente iria com a sua turma escolher o seu subtema. Com o subtema “Plantas Medicinais da Floresta Amazônica”, escolhido pela 4^a etapa D, do turno noturno, este projeto ficou sob a responsabilidade do professor Hebert Sá, que contou com o apoio de uma equipe interdisciplinar⁵, composta por professores cursistas de diferentes áreas como: Pedagogia, Ciências Naturais, História, Letras, Geografia, Ensino Religioso, Língua Inglesa e Biologia. É importante destacar a participação da professora Carla de Souza Santos Gonçalves, de Artes, nas oficinas de Desenho e Pintura das plantas medicinais. No primeiro momento com os estudantes, a equipe de cursistas apresentou a proposta de se trabalhar um projeto de aprendizagem, expondo vídeos curtos sobre a temática.

A partir disso, os estudantes realizaram questionamentos sobre as curiosidades e as dúvidas. Como resultado escolheram como subtema: “Plantas Medicinais da Floresta Amazônica”, com o objetivo de “compreender as potencialidades das plantas medicinais” da região. Com efeito, foi aplicado um pré-teste com os estudantes sobre as plantas medicinais, para saber o que eles já conheciam sobre a temática, as dúvidas e curiosidades. Esse pré-teste foi importante para direcionar o projeto com foco nos saberes dos estudantes e para acrescentar como conhecimento científico. A partir deste momento, foram planejadas todas as etapas seguintes do projeto. Na sequência, foi organizada uma aula expositiva sobre as plantas medicinais, discutindo as pesquisas realizadas pelos estudantes. As discussões fluíram e os docentes se sentiram à vontade para contar algumas experiências com a utilização de plantas

⁴ A estrutura do projeto foi organizada da seguinte forma: 1) Marco Zero: “tempestade de ideias”; 2) Pesquisa realizada pelos estudantes; 3) Informações sobre Plantas medicinais 4) Informações sobre as Moléculas das Plantas; 5) Oficina de Desenho de Plantas Medicinais; 6) Oficina de Pintura de Plantas Medicinais e Gravação de Depoimentos e; 7) Mostra de Aprendizagens Transdisciplinares.

⁵ Adela Soares da Silva, Antônio Luiz Vieira de Oliveira, Drey Mário Lago, Hebert Oliveira de Sá, Ingrid Marcela Souza Moura; Mariana Serrão dos Santos e Zevaldo Luiz Rodrigues de Sousa.



medicinais no seu cotidiano familiar e contar a respeito da chegada desses saberes até eles.

Para isto, Sá *et al.* (2023, p. 21), apresentam a fala de uma das estudantes que “deu um chá para o marido e nem sabia qual era a planta, mesmo assim, ele foi curado”.

Em outro momento, foi realizada uma aula sobre as moléculas das plantas, com o objetivo de “proporcionar aos alunos uma compreensão dos fenômenos e propriedades relacionados às plantas medicinais, por meio de uma abordagem teórica e prática.” (Sá *et al.*, 2023, p. 23). Nesse encontro foi possível abordar, dentre outras informações, o reconhecimento de plantas medicinais pelo cheiro, a necessidade de ferver as ervas, as suas reações no corpo humano, o estudo da espinheira santa (questionamento de um estudante) e a ausência dela no Amazonas. A aula proporcionou, ainda, “uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos e propriedades relacionados às plantas medicinais, bem como, uma introdução aos conceitos de química orgânica.” (Sá *et al.*, 2023, p. 24).

Na sequência, os estudantes tiveram a oportunidade de desenvolver habilidades por meio de uma oficina de desenhos de plantas medicinais, ministrada pela Professora Formadora Carla de Souza Santos Gonçalves. Ao iniciar essa metodologia, a formadora demonstrou algumas técnicas básicas de desenho, explorando diferentes maneiras de representar as plantas. No começo os estudantes estavam um pouco ansiosos ao saber que iriam desenhar plantas, já que muitos não reconhecem em si esse saber específico. Entretanto, aos poucos eles desenvolveram os desenhos de forma natural, com base nos saberes individuais, nos conhecimentos adquiridos naquela oficina. Foi interessante notar, a diversidade de estilos apresentados nas telas, estimulados ao desenvolvimento de sua criatividade.

No encontro seguinte, os estudantes pintaram seus desenhos a partir da oficina de desenho de plantas medicinais, ministrado pela mesma formadora. Decerto, Sá *et*



al. (2023) afirmam que alcançaram, “ao longo da atividade, os objetivos de introduzir os alunos às plantas medicinais, desenvolver habilidades de observação e representação artística e, estimular a criatividade” (p. 32). Neste mesmo dia, alguns estudantes foram convidados a gravar alguns depoimentos sobre a experiência até aquele presente momento.

Para finalizar o Projeto de Aprendizagem, foi realizada uma Mostra de Aprendizagens Transdisciplinares, em que foram expostas as pinturas dos estudantes, apresentação do vídeo de depoimento e a experimentar chás das plantas medicinais que estudaram, como: boldo, espinheiro santa, pobre velho, erva cidreira e nony. Diante do exposto, conclui-se que os estudantes são protagonistas no seu processo de ensino-aprendizagem, desenvolvendo naturalmente habilidades, como a criticidade e a criatividade sobre aquilo que aprendem. E como protagonistas, sentem-se à vontade ao se apropriar desse ambiente de conhecimento científico, com uma melhor assimilação dos conteúdos ensinados em sala de aula.

Considerações finais

O curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, em parceria com GFC/DDPM/SEMED e UEA, possui uma dinâmica formativa voltada para análise, reflexão e avaliação do contexto escolar, seus problemas e suas potencialidades. Nesse sentido, foi um curso desafiador e inovador, visto que tem em seu arcabouço a construção de processos pedagógicos de intervenção e, que prioriza o estudante como protagonista no seu processo de ensino-aprendizagem. Infelizmente, no mesmo período do curso, o mundo passou por uma pandemia (Covid-19) que vitimou centenas de milhares de pessoas. Outras, ao adoecerem, apresentaram várias sequelas e causou um impacto social e econômico profundo na sociedade.



Nesse sentido, buscou-se a adaptação de uma nova realidade de vida e a um novo processo de ensino, adotando novos recursos para apoiar os estudantes na recomposição das aprendizagens. O ensino híbrido foi desafiador, para muitos estudantes que não dominavam a ferramenta tecnológica de ensino remoto, com poucos recursos para acessar às aulas da plataforma de ensino. Diante de tantos desafios, o retorno às aulas presenciais foi um pouco confuso, difícil e gradual, para se adaptar a uma série de exigências, de protocolos de segurança e de higiene, necessários para minimizar o risco de transmissão do novo coronavírus. E, no caso específico da OFS, aquele ânimo inicial e todo aquele “gás” tinha se perdido, mediante a tantos problemas e dificuldades. Porém, aos poucos a turma se adaptou às mudanças, dando prosseguimento ao curso.

Isso me fez relembrar de toda essa caminhada, pude repensar sobre a minha trajetória profissional e sobre minha prática pedagógica no Cemeja. O que me permitiu – mesmo com toda a experiência –, questionar o meu papel como facilitador e mediador do conhecimento. Reviver toda a essa trajetória me fez perceber que o professor deve se reinventar a cada passo, como se cada turma fosse a primeira. Cabe destacar, que o sujeito da EJA é o protagonista no seu processo de aprendizagem. E, portanto, todos os seus saberes individuais e coletivos devem ser valorizados e devem ser o ponto de partida na construção do conhecimento.

Ao considerar toda essa experiência na OFS, fez-me refletir sobre a minha práxis em sala de aula, tendo em vista atividades valorativas e conhecimentos significativos para o estudante da EJA. Além disso, essa prática pedagógica deve levar em conta as habilidades e competências dos estudantes, criando, no mesmo, o interesse em aprender. Enfim, atuar na EJA exige do professor mais do que uma formação acadêmica, mas a capacidade que demanda um conhecimento distinto e um olhar diferenciado para esse público tão diversificado.



Referências

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2004.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Passageiros da Noite**: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio. **Educação de jovens e adultos**: teoria, prática e proposta. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- OLIVEIRA, Ari Batista. **Facilitar para o adulto aprender**. Minnesota-USA: IAND B.HTE, 1990.
- OLIVEIRA, Maria Olindina Andrade; GONÇALVES, Carla Souza Santos. Proposta de Formação docente específica para EJA: uma experiência numa escola de Manaus. In: DICKMANN, Ivano (org.). **Esperançar**: criar e recriar a educação. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2023.
- SÁ, Hebert Oliveira et al. **Relatório do Projeto de Aprendizagem “Plantas Medicinais da Floresta Amazônica”**, desenvolvido por professores cursistas do curso de Especialização em Gestão de Projetos e Formação Docente, da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), em parceria com a Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Manaus: SEMED/UEA, 2023.